

Herman Melville

**Bartleby,
o escrivão**

Tradução de
A. B. PINHEIRO DE LEMOS

2ª edição

JO JOSÉ
OLYMPIO

Rio de Janeiro, 2017

Sou um homem já idoso. A natureza das minhas atividades, nos últimos trinta anos, pôs-me em contato íntimo com um grupo de homens interessantes e um tanto singulares, sobre os quais nada se escreveu até agora, ao que eu saiba. Refiro-me aos amanuenses ou escreventes judiciais. Conheci muitos, tanto profissional como particularmente; se me aprouvesse, poderia relatar muitas histórias, que fariam sorrir os homens afáveis e levariam as almas sentimentais a chorar. Mas renuncio às biografias de todos os outros escreventes por alguns episódios da vida de Bartleby, que foi também um escrivão, o mais estranho que já conheci ou de que ouvi falar. Eu poderia escrever a vida completa de outros

escreventes, mas isso seria impossível com Bartleby. Creio que não há material para uma biografia completa e satisfatória desse homem. O que é uma perda irreparável para a literatura. Bartleby era um desses seres sobre os quais nada se pode dizer com certeza, exceto quando colhido nas fontes originais, que em seu caso eram por demais exíguas. Tudo o que sei de Bartleby é o que testemunhei com meus próprios olhos atônitos, a não ser por um rumor vago, que aparece no epílogo.

Antes de apresentar o amanuense como me apareceu pela primeira vez, é conveniente dar algumas informações a meu respeito, meus empregados, meus negócios, meu escritório e o ambiente geral, porque tal descrição é indispensável para uma compreensão adequada do personagem principal.

Sou um homem que, desde a juventude, sempre teve a convicção profunda de que o caminho mais fácil na vida é o melhor. Daí porque, apesar de pertencer a uma profissão tradicionalmente movimentada e nervosa, alcançando às vezes o grau de turbulência, jamais permiti que tais problemas interferissem na minha paz. Sou um desses ad-

vogados sem ambição, que nunca se apresentam perante o júri nem procuram o aplauso público. Na serena tranquilidade de um refúgio ameno, cuido de amenas transações de homens ricos, em hipotecas, ações e títulos de renda. Todos os que me conhecem acham que sou um homem eminentemente *seguro*. O falecido John Jacob Astor, um personagem que não era absolutamente afeiçoado ao entusiasmo poético, não teve a menor hesitação em proclamar que minha primeira virtude era a prudência e a seguinte era o método. Não falo por vaidade, simplesmente registro o fato de que meus serviços profissionais não foram desprezados pelo falecido John Jacob Astor, um nome que me agrada repetir, tenho de reconhecer, pois possui uma reverberação orbicular e sonante, como ouro cunhado. E devo acrescentar, espontaneamente, que eu não era insensível à opinião favorável do falecido John Jacob Astor.

Pouco antes de começar esta pequena história, minhas atividades se haviam ampliado consideravelmente. Fora nomeado para o excelente cargo de consultor de Justiça, agora extinto no Estado de Nova York. Não era um cargo que exigisse um trabalho árduo, mas proporcionava uma remuneração das

mais agradáveis. Raramente perco a calma e ainda mais raramente me entrego a uma indignação perigosa contra as injustiças e afrontas. Mas que me permitam ser temerário neste ponto e declarar que considero um ato prematuro a supressão do cargo de consultor de Justiça pela nova Constituição. Afinal, eu contava que os seus proventos me proporcionariam uma renda vitalícia, mas só os recebi por uns poucos anos. Contudo, este é um problema secundário.

Meu escritório ficava num segundo andar, no número X de Wall Street. Por um lado, dava para a parede branca de um amplo tubo de ventilação, coberto por uma claraboia, que se estendia de alto a baixo do prédio.

Essa paisagem era um tanto insípida, já que lhe faltava o que os pintores de exteriores chamam de “vida”. Se assim era, a vista pelo outro lado oferecia pelo menos um contraste, se não mais. As janelas davam para uma parede alta de tijolos, enegrecida pelos anos e pela sombra perpétua. As belezas ocultas dessa parede não exigiam uma luneta para serem admiradas, pois estavam a menos de três metros das janelas, em benefício dos admiradores míopes. Tendo em vista a grande altura dos prédios

em redor e o fato de meu escritório ser no segundo andar, o espaço entre essa parede e a minha parecia uma imensa cisterna quadrada.

No período imediatamente anterior ao advento de *Bartleby*, eu tinha dois amanuenses a meu serviço e um rapaz muito ativo que servia como contínuo. O primeiro, *Turkey*; o segundo, *Nippers*; o terceiro, *Ginger Nut*. Podem parecer nomes, ainda que difíceis de encontrar nas listas. Na verdade, eram apelidos, mutuamente conferidos por meus empregados e que expressavam suas respectivas pessoas ou características. *Turkey* (*Peru*) era um inglês baixo e gordo, mais ou menos da minha idade... ou seja, não estava muito longe dos 60 anos. Podia-se dizer que pela manhã seu rosto era rosado, mas depois de meio-dia, sua hora do almoço, parecia arder como uma lareira com carvões em brasa no Natal. Continuava a arder, mas gradativamente se desvanecendo até seis horas da tarde; depois, eu não mais via o dono do rosto, que coincidia em seu zênite com o sol e com ele parecia também se pôr, para ressurgir na manhã seguinte, culminar e declinar, com a mesma regularidade e a mesma glória inabalável.

Ao longo da minha vida deparei com muitas coincidências singulares, entre as quais não era das menores o fato de que o momento exato em que Turkey irradiava os raios mais intensos de seu rosto em chama assinalava o instante crítico em que começava o período diário no qual sua capacidade de trabalho ficava profundamente afetada pelas próximas 24 horas. Não se diga que ele se tornava indolente ou avesso ao trabalho; longe disso. O problema era justamente o contrário, ele tendia a se tornar por demais dinâmico. Era dominado por um frenesi de atividade, estranho, intenso, irrequieto. Descuidava-se ao molhar a pena no tinteiro. Todas as manchas de tinta encontradas em meus documentos foram feitas por Turkey, depois de meio-dia. Na verdade, ele não era apenas afoito e lamentavelmente propenso a produzir manchas à tarde, mas também às vezes ia mais longe e se tornava barulhento. Nessas ocasiões, seu rosto chamejava ainda mais intensamente, como se carvões de pedra fossem despejados sobre antacito. Fazia um barulho desagradável com a cadeira; esbarrava e derramava a areia da caixa; ao afinar as penas, impacientemente as cortava em fragmentos, jogava-as ao chão num súbito acesso

de ira; levantava-se, inclinava-se sobre a mesa, espalhando papéis pelo chão, da forma mais inconveniente, num triste espetáculo para um homem já entrado em anos. Apesar disso, como era sob muitos aspectos um empregado dos mais valiosos, sempre diligente e eficiente antes de meio-dia, com um estilo difícil de ser igualado, eu me resignava com as suas excentricidades, embora ocasionalmente tivesse de repreendê-lo. Mas sempre o fazia gentilmente, pois Turkey podia ser o mais cortês, afável e reverente dos homens pela manhã, mas à tarde ficava predisposto, à menor provocação, a reagir em linguagem áspera — mais do que isso, insolente. Por isso, apreciando os seus serviços matutinos e resolvido a não perdê-los, mas ao mesmo tempo contrafeito com seu comportamento inconveniente e explosivo depois de meio-dia, e por ser um homem pacífico, não querendo que minhas advertências acarretassem reações inadmissíveis, resolvi ao meio-dia de um sábado (Turkey era sempre pior aos sábados) sugerir-lhe, gentilmente, que talvez agora que começava a envelhecer fosse melhor reduzir suas tarefas; em suma, ele não precisava mais comparecer ao escritório depois de meio-dia, podendo voltar aos

seus aposentos depois do almoço e descansar até a hora do chá. Mas não adiantou, pois Turkey insistiu em cumprir suas obrigações vespertinas. Seu semblante tornou-se insuportavelmente fervoroso, enquanto me assegurava enfaticamente, gesticulando com uma régua comprida no outro lado da sala, que se seus serviços eram úteis pela manhã, não seriam indispensáveis à tarde?

— Com sua devida licença, senhor — disse Turkey nessa ocasião —, considero-me o seu braço direito. Pela manhã, disponho as minhas colunas em formação de combate, à tarde me coloco na vanguarda e bravamente despecho uma carga contra o inimigo, assim...

E ele fez uma violenta investida com a régua.

— Mas as manchas, Turkey...

— É verdade, senhor. Mas, com todo respeito, contemple estes cabelos! Estou ficando velho. E certamente, senhor, um borrão ou dois numa tarde quente não podem ser levados em consideração contra os meus cabelos brancos. A velhice, mesmo que uma página inteira fique borrada, é honrosa. E, com o devido respeito, senhor, *ambos* estamos envelhecendo.